

# PASCAL BRUCKNER

LIBRETO PREPARATÓRIO



# PASCAL BRUCKNER



## Expediente

Fronteiras do Pensamento®  
Temporada 2014

**Curadoria**  
Fernando Schüller

**Produção Executiva**  
Pedro Longhi

**Coordenação-geral**  
Michele Mastalir

**Coordenação e Edição**  
Luciana Thomé

**Pesquisa**  
Francisco Azeredo  
Juliana Szabluk

**Editoração e Design**  
Lume Ideias

**Revisão Ortográfica**  
Renato Deitos

[www.frenteiras.com](http://www.frenteiras.com)

(França, 1948)

Filósofo francês. Conhecido por suas críticas ao multiculturalismo, autor de *Lua de fel* e *A euforia perpétua*.

*“Não podemos dominar a felicidade, ela não pode ser o fruto das nossas decisões. Precisamos ser mais humildes. Não porque devemos louvar a fragilidade ou a humildade, mas porque as pessoas são muito infelizes quando tentam arduamente e falham. Temos uma grande quantidade de energia em nossas vidas, mas não temos o poder de ser feliz. A felicidade é mais como um momento de graça.”*

## VIDA E OBRA

O escritor, ensaísta e filósofo francês Pascal Bruckner é autor de livros de ficção e de não ficção. Seu romance *Lua de fel* se tornou um filme bastante elogiado, dirigido pelo polonês Roman Polanski. Além de proferir palestras pelo mundo, Bruckner também participa de programas de televisão e é colaborador de uma das principais revistas francesas, a *Le Nouvel Observateur*.

Nascido em Paris, o escritor passou sua infância e adolescência na Áustria e na Suíça. Após o doutorado em Letras, lecionou nas Universidades de San Diego e Nova York. Nos anos 1990, foi professor do Institut d'Études Politiques de Paris (Instituto de Estudos Políticos de Paris).

Bruckner é um reconhecido crítico do multiculturalismo. Apoia o direito à especificidade das minorias étnicas, religiosas e culturais, defendendo a sua assimilação respeitosa pela comunidade que os recebe, retomando todo um debate que reacende o Iluminismo. Saiu em defesa da escritora de origem somali e então deputada no Parlamento holandês Ayaan Hirsi Ali, condenando, neste debate, a visão do historiador Timothy Garton Ash e do escritor Ian Buruma a respeito do assassinato do diretor e produtor de cinema

Theo Van Gogh, que dirigiu *Submission*, filme com severas críticas ao Islã e de autoria de Ayaan.

A imposição moral de o ser humano salvar o planeta é o tema de seu mais recente livro, *The fanaticism of the apocalypse: Save the Earth, punish human beings* (2013). Outras obras que merecem destaque em sua biografia são *O paradoxo amoroso*, *A euforia perpétua* e *Fracassou o casamento por amor?*.

Bruckner ganhou destaque em seu país nas décadas de 1970 e 1980 por integrar o grupo dos chamados “Novos Filósofos” e por dedicar muito de seu trabalho a criticar a sociedade e a cultura da França. No entanto, o autor polêmico afirmou para o *The Guardian* que se considera fora desse rótulo e disse que os “Novos Filósofos” estão, na verdade, velhos, e que tem se posicionado como um intelectual independente.

Bruckner foi um dos signatários do manifesto dos “343 safados” que agitou a França em 2013. No documento, intelectuais do país protestavam contra a lei que torna a prostituição um crime, aprovada em dezembro passado pela Assembleia Nacional francesa. O manifesto fazia

alusão a outro semelhante, o das “343 vadias”, assinado pela escritora Simone de Beauvoir em 1971 e publicado na mesma *Le Nouvel Observateur*, no qual mulheres assumiam publicamente ter feito aborto, então um crime na França, e reclamavam o direito de dispor de seus corpos.

*“Sempre detestamos o sofrimento, é normal. A novidade é que agora as pessoas não têm mais o direito de sofrer. Então, sofre-se em dobro. Querer que as pessoas se calem sobre a dor física ou psicológica é apenas agravar o mal.”*

*“É perigoso achar que a existência só tem validade se a pessoa encontrar a felicidade. Essa é apenas uma das possibilidades na vida. Há várias outras, como a paixão e a liberdade. Recuso a noção de felicidade como objetivo maior da humanidade.”*

*“Dinheiro compra bem-estar, conforto, mas nada compra a felicidade. Nos países em que o Estado falha em suprir as necessidades básicas do cidadão, é compreensível que a felicidade seja vista como a ausência da tristeza. Mas ela não deve ser reduzida a uma definição pela negação. Nos países ricos, em que as pessoas dispõem de certa renda, têm casa e comem normalmente, a felicidade não é compulsória. Prova disso é que na França se consome uma enorme quantidade de antidepressivos.”*

*“Ninguém é feliz ou infeliz o tempo todo. A vida não se divide entre essas duas polaridades. Muito mais importante que a felicidade é a liberdade, a capacidade de enfrentar problemas. A felicidade é um valor secundário, e é bom enfatizar isso para que não se sintam culpadas as pessoas que não chegam a ser felizes.”*

*“Há dois erros básicos na forma como a encaramos atualmente [a felicidade]. Um é não reconhecê-la quando acontece ou considerá-la muito banal ou medíocre para*

*acolhê-la. O segundo erro é o desejo de retê-la, como a uma propriedade. Jacques Prévert tem uma frase linda sobre isso: ‘Reconheço a felicidade pelo barulho que ela faz ao partir’. A ilusão contemporânea é a da dominação da felicidade. Um triste erro.”*

*“O ponto que defendo não é minimizar nossos perigos. Pelo contrário, precisamos entender por que o medo apocalíptico tomou conta dos nossos líderes, cientistas e intelectuais, que insistem em raciocinar e discutir como se estivessem seguindo roteiros de filmes medíocres de desastres de Hollywood.”*

*“Os progressistas diziam que o casamento burguês era fundado na desigualdade entre homem e mulher e conduzia ao adultério, à prostituição, aos filhos ilegítimos. Para mudá-lo, era preciso reconciliá-lo com o amor. A esperança investida no casamento romântico dizia que, finalmente, iríamos realizar a verdadeira monogamia, menos fundada na obrigação do que na livre escolha. E que o amor iria entrar no casamento como um aliado que cimentaria relações antes arranjadas pela família ou pelas conveniências. Essa esperança aparece nos textos do século XVIII e do século XIX e passa a ser verdadeiramente aplicada nos anos 1960 e 1970. Não teve os resultados desejados. O casamento perdeu a metade de seus efetivos – e o divórcio aumentou. Ou seja, pretendeu-se aprisionar o amor dentro dos laços do casamento. E o que ocorreu de fato foi que o casamento anterior afundou e o amor continua a ser essa paixão que nós não controlamos. O amor é sempre um filho da boemia, como canta Carmen [na ópera de Georges Bizet].”*



### **FRACASSOU O CASAMENTO POR AMOR?**

*Le mariage d'amour a-t-il échoué?*

1ª edição 2010 / Edição em português – Difel, 2013

A invenção do casamento por amor deveria ser uma resposta às mazelas do casamento clássico – restabelecer a igualdade entre cônjuges, valorizar o sentimento mais do que a obrigação. Entretanto, há décadas, o número de casamentos vem diminuindo, o de divórcios disparando, o celibato se espalha e os filhos de pais separados se multiplicam. Neste livro, Pascal Bruckner faz uma análise filosófica das questões envolvendo o matrimônio por amor.

**O PARADOXO AMOROSO – ENSAIO  
SOBRE AS METAMORFOSES DA  
EXPERIÊNCIA AMOROSA**

*Paradoxe amourex*

1ª edição 2009 / Edição em português –  
Difel, 2011

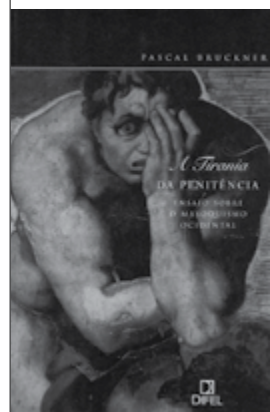
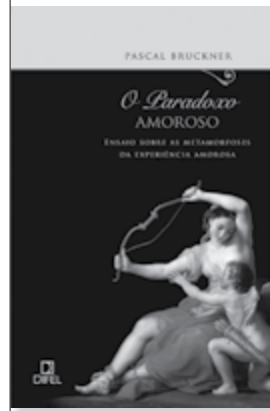
Pascal Bruckner apresenta a evolução do sentimento do amor, da relação entre casais, da liberdade sexual e do erotismo. Escolher quem se ama, amar quem se quer. Para chegar a essas liberdades que podem parecer evidentes, foi necessária uma revolução do sentimento, iniciada no século XVIII.

**A TIRANIA DA PENITÊNCIA – ENSAIO  
SOBRE O MASOQUISMO OCIDENTAL**

*La tyrannie de la pénitence*

1ª edição 2006 / Edição em português –  
Difel, 2008

Em um texto original e polêmico, Bruckner, através de análises políticas, culturais e filosóficas, analisa de forma lúcida e surpreendente a tendência da Europa contemporânea a se comportar de maneira autoflagelatória.



**A EUFORIA PERPÉTUA – ENSAIO  
SOBRE O DEVER DE FELICIDADE**

*L'Euphorie perpétuelle*

1ª edição 2002 / Edição em português –  
Difel, 2002

O filósofo Pascal Bruckner analisa as várias modalidades de busca da felicidade que reinaram e ainda reinam no Ocidente. A obra discute os seguintes temas: O Paraíso é onde estou; O reino do insípido ou a invenção da banalidade; A burguesia ou a abjeção do bem-estar; A infelicidade está fora da lei?

**LUA DE MEL, LUA DE FEL**

*Lunes de fiel*

1ª edição 1981 / Edição portuguesa –  
Dom Quixote, 1993

Romance de Pascal Bruckner adaptado para o cinema pelo diretor Roman Polanski em 1992, intitulado *Bitter moon* (no Brasil, *Lua de fel*). Esta é a história de uma relação de amor e ódio entre Mimi e o paraplégico Oscar, um casal que está num cruzeiro rumo a Istambul onde conhecem Fiona e Nigel. Jovem e exuberante, Mimi provoca Nigel e rapidamente desperta o interesse do rapaz. O preço para possuí-la será ouvir Oscar relatar os detalhes de sua relação com a esposa.



WIKIPEDIA (em inglês)

[http://en.wikipedia.org/wiki/Pascal\\_Bruckner](http://en.wikipedia.org/wiki/Pascal_Bruckner)

ENTREVISTAS

**“A prostituição deve ser vista como um serviço público”**

Entrevista concedida a revista *Época*, publicada em fevereiro de 2014

<http://is.gd/Bruckner1>

(<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bpascal-brucknerb-prostituicao-deve-ser-vista-como-um-servico-publico.html>)

**O mal da felicidade**

Entrevista para a revista *Época*, publicada em julho de 2002

<http://is.gd/Bruckner2>

(<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT346193-1666,00.html>)



## VÍDEOS E LINKS

### Solução de um filósofo contra o fracasso do casamento

Resenha do livro *Fracassou o casamento por amor?*, publicada no *site* Pensata em dezembro de 2013

<http://is.gd/Bruckner3>

(<http://pensata.ig.com.br/index.php/tag/pascal-bruckner/>)

### A ideologia da catástrofe

Artigo de Pascal Bruckner publicado no jornal *The Wall Street Journal* em abril de 2012 (em inglês)

<http://is.gd/Bruckner4>

(<http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424052702303815404577331651761806744>)

### O paradoxo do amor

Resenha sobre o livro *O paradoxo do amor*, publicada na revista *Cult* em abril de 2011

<http://is.gd/Bruckner5>

(<http://revistacult.uol.com.br/home/2011/04/amores-expressos/>)

## The Guardian

Entrevista concedida ao jornal *The Guardian*, publicada em janeiro de 2011 (em inglês)

<http://is.gd/Bruckner6>

(<http://www.theguardian.com/books/2011/jan/23/pascal-bruckner-interview-happiness>)

### A euforia perpétua

Resenha sobre o livro *A euforia perpétua*, publicada no *site* Digestivo Cultural em junho de 2003

<http://is.gd/Bruckner7>

([http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1092&titulo=A\\_Euforia\\_Perpetua,\\_de\\_Pascal\\_Bruckner](http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1092&titulo=A_Euforia_Perpetua,_de_Pascal_Bruckner))

## CRÍTICO DOS VALORES CONTEMPORÂNEOS DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

POR JOANA BOSAK

É professora de Teorias, Crítica e Historiografia da Arte, no Bacharelado em História da Arte da UFRGS. É mestre em História e doutora em Literatura Comparada, consultora do *Fronteiras do Pensamento* e docente do *Fronteiras Educação*.

Pascal Bruckner é um filósofo francês, representante da corrente conhecida como “Nouveaux Philosophes” – os “Novos Filósofos”. Bruckner nasceu em Paris – onde vive atualmente – em 15 de dezembro de 1948. Passou a infância e a adolescência na Áustria e na Suíça. Estudou em uma escola jesuíta, tendo desenvolvido seus estudos superiores nas Universidades de Paris I e Paris VII (Denis Diderot) e, posteriormente, na École Pratique des Hautes Études de Paris. Após concluir o Doutorado em Letras, desempenhou a docência nas universidades norte-americanas de San Diego e Nova York. Após esse período, também foi *maître de conférences* no Institut d’Études Politiques de Paris e colaborador na revista *Le Nouvel Observateur*.

Tendo-se ligado já no início de sua carreira ao grupo conhecido como os “Novos Filósofos” nos anos 1970, Bruckner tem se destacado como romancista e ensaísta por suas críticas ácidas à sociedade francesa e europeia de maneira geral, e mesmo aos valores contemporâneos da civilização ocidental, com temas que vão da religião ao amor e o casamento; do divórcio à prostituição; do multiculturalismo à imposição de uma cultura da felicidade permanente, tema abordado em seu livro *A euforia perpétua – Ensaio sobre o dever de felicidade*, lançado no Brasil em 2002.

### **Pascal Bruckner e os “Novos Filósofos”**

A corrente de pensamento definida como sendo os “Novos Filósofos” tem esta identificação única, mas trata-se de um grupo extremamente heterogêneo. O termo, em linhas gerais, refere-se ao grupo de cerca de dez intelectuais de uma geração que rompeu com a tradição marxista então vigente no início dos anos 1970, justamente no período imediatamente posterior ao Maio de 1968. O grupo incluía também, além de Pascal Bruckner, André Glucksmann, Bernard-Henri Lévy, Jean-Marie Benoist,

Christian Jambet, Guy Lardreau, Claude Gandelman, Jean-Paul Dollé e Gilles Susong.

Entre as críticas desenvolvidas pelos “Novos Filósofos” estão aquelas dirigidas ao pensamento original de Jean-Paul Sartre e também aos filósofos mais contemporâneos, do chamado “pós-estruturalismo”, como Jacques Derrida, Jean-François Lyotard, Jacques Lacan, Jean Baudrillard, Michel Foucault, Julia Kristeva, Gilles Deleuze e Judith Butler, entre outros; além de se insurgir contra a filosofia fundadora e anterior de Friedrich Nietzsche e de Martin Heidegger, intensificando ainda mais a crítica aos fundamentos apresentados por Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Karl Marx no século XIX.

Segundo os “Novos Filósofos”, que tiveram esta alcuinha proposta por Bernard-Henri Lévy, em 1976, os “pais fundadores” da filosofia e da sociologia – como Hegel, Marx e Max Weber – teriam criado, em seus escritos, as bases para sistemas extremamente opressores, como o maoísmo, corrente contemporânea às críticas e ao qual se seguiram todas as outras formas derivadas dos “marxismos”. É importante destacar que os “Novos Filósofos”

têm origem em um movimento com formação marxista, contra o qual se insurgiram no pós-1968.

Eles foram e têm sido duramente criticados por intelectuais relevantes no cenário contemporâneo internacional, por sua suposta superficialidade e mesmo ausência de ideologia ou uma ideologia considerada moderada ou mais à direita.

Cobra-se dos “Novos Filósofos” maior comprometimento com as questões sociais desde um prisma como o observado pelos intelectuais tradicionalmente identificados com movimentos de esquerda, dito totalizante, entendido por aqueles como “totalitário”. Entre os críticos às posições políticas, ideológicas e intelectuais dos “Novos Filósofos” estão pensadores do quilate de Pierre Bourdieu, Gilles Deleuze, Pierre Vidal-Naquet, Jean-François Lyotard, Alain Badiou, Gayatri Spivak – um dos grandes nomes do multiculturalismo – e Cornelius Castoriadis, entre os que estão em atividade ou já morreram.

Os “Novos Filósofos” chegaram mesmo a ser chamados de “bufões da TV” por Gilles Deleuze, por sua ampla inserção na mídia e por desenvolverem um discurso mui-

tas vezes mais acessível ao grande público, não especializada ou acadêmica. Muitas dessas críticas aproximam os temas tratados como se estivessem no gênero da autoajuda.

### **Pascal Bruckner em livros**

Seu primeiro romance, *Lua de fel*, de 1981, publicado pela editora Seuil, foi adaptado para o cinema com direção de Roman Polanski e causou sensação quando de seu lançamento, em 1992. Com um elenco internacional em ascensão, com nomes como Peter Coyote, Hugh Grant e Kristin Scott-Thomas, e com *premières* internacionais, o filme, que levava a trama de Bruckner para a grande tela, falava de redes de intrigas em relacionamentos conjugais e extraconjugais, temas que Bruckner seguiria abordando em escritos posteriores.

*Parias*, seu romance seguinte, data de 1985 e trata da dificuldade de compreensão entre culturas distintas, passando-se em uma Índia mítica e exótica que se choca com a Índia real.

*Les voleurs de beauté* – “Ladrões da beleza” –, também um romance, foi publicado em 1997 e recebeu o Prêmio

Renaudot do mesmo ano. Trata-se de um romance policial, misto a um conto fantástico, em que o suspense se inicia com a confissão que um interno em um manicômio faz a uma enfermeira.

*Le divin enfant* – “A criança divina” – é um romance, publicado em 1992. Uma mãe, grávida de gêmeos, começa a ensinar valores morais aos filhos, Louis e Céline, enquanto ainda estão no ventre. Será suficiente para que saibam enfrentar a vida no pós-parto? É possível não nascer?

*La tentation de l'innocence* – “A tentação da inocência” –, de 1995, recebeu o Prêmio Médicis de Ensaio. Trata-se de um libelo a favor da verdadeira liberdade: a responsabilidade. Bruckner revolta-se com aquilo que ele considera um mundo infantilizado e vitimizado. Diz o autor: “*Eu chamo de inocência esta doença do individualismo que consiste em querer escapar às consequências de seus atos, esta tentativa de aproveitar os benefícios da liberdade sem sofrer nenhum de seus inconvenientes*”.

*Le sanglot de l'homme blanc* – “As lágrimas do homem branco” –, 1983, é um ensaio sobre o que o autor chama de “terceiro-mundismo” e a incapacidade de diálogo entre o mundo Ocidental e povos já

descolonizados que não conseguem encontrar uma história desvinculada da precariedade dessa influência primeira. Subtitulado, na edição francesa “Terceiro mundo, culpabilidade e autodepreciação”, é uma obra muito controversa. O autor descreve o que ele vê como um sentimentalismo antiocidental e pró-terceiro-mundista, em pessoas que assumem uma posição política de esquerda no Ocidente. O ensaio teve influência em uma tendência inteira de pensamento, especialmente em Maurice Dantec e Michel Houellebecq. O título é uma variação do texto de Rudyard Kipling “White man’s burden” – “O fardo do homem branco”, de 1899.

Em *La tyrannie de la pénitence* – “A tirania da penitência” –, de 2006, traz a possibilidade do fim do mundo pela proximidade de um meteorito com a Terra. Metáfora sobre a reflexão religiosa, questiona, de fato, o que o autor considera o “fim da autocrítica” no Ocidente.

Em *A euforia perpétua*, publicado em 2000, o autor critica a “nova droga ocidental: a felicidade”. Segundo ele, a ideologia da felicidade, com saúde perfeita e sem dor, esconde outros valores fundamentais, como a liberdade e a fraternidade.

### **Atuação na esfera pública**

De 1992 a 1999, ele foi um defensor ativo das causas da Croácia, da Bósnia e do Kosovo contra a Sérvia, chegando, inclusive, a defender os bombardeios da Otan em 1999. Em 2003, Pascal Bruckner apoiou a perseguição e a prisão de Saddam Hussein pelos Estados Unidos, lamentando e criticando posteriormente a atuação das Forças Armadas norte-americanas e o uso da tortura nas prisões de Abu Ghraib e em Guantánamo.

Uma das polêmicas mais recentes de que Pascal Bruckner participou diz respeito à sua posição contrária ao multiculturalismo. No artigo “Fundamentalismo iluminista ou racismo dos antirracistas?” ele defende em particular a somali Ayaan Hirsi Ali através da crítica a outros artigos de Ian Buruma e de Timothy Garton Ash. De acordo com Bruckner, os filósofos modernos de Heidegger a Gadamer, Derrida, Horkheimer e Adorno fizeram um amplo ataque ao Iluminismo, clamando que “todos os males de nossa época foram criados por esse episódio filosófico e literário: capitalismo, colonialismo, totalitarismo”. Bruckner concorda que a história do século XX atesta o fanatismo da modernidade, mas

argumenta que o pensamento moderno editado desde o Iluminismo provou ser capaz de criticar seus próprios erros.

Mais recentemente, em outro episódio controverso com a imprensa, Pascal Bruckner tomou partido na questão envolvendo a lei francesa, aprovada no início deste ano, que criminaliza a prostituição. Bruckner saiu em defesa da profissão, que para ele, desempenha um serviço público, e, comparando o atraso da França, em sua opinião, em relação à Holanda, por exemplo, em que os profissionais do sexo não apenas pagam impostos pelos seus ganhos (como na França), mas usufruem dos benefícios autorizados pelos mesmos impostos.

Em temas muito polêmicos ou menos controversos, Pascal Bruckner com certeza virá ao Brasil com o desafio de manter a discussão acesa: seja ela sobre o amor, a beleza, o apocalipse ou o Outro.







**FR****NTEIRAS**  
DO PENSAMENTO